

## Transgeneridade e pós-verdade: o impacto das mídias sociais nas identidades trans à luz da Teoria Queer

Julia Marina Santos da Silva<sup>70</sup>

**Resumo:** As pessoas transgênero têm suas identidades subjugadas e marginalizadas há muito tempo. Em um contexto virtual, se vê a possibilidade de um novo espaço para a prática dessas identidades, mas como em toda sociedade, há também aqueles que querem impedir esses direitos de existência. A pós-verdade é amplamente usada na internet como forma de sabotar as existências trans, inclusive, as relacionando com conceitos errôneos sobre Teoria *Queer*. Diante desse cenário se vê como possibilidade a utilização da própria teoria como instrumento de análise desses discursos e de um entendimento emancipatório da transgeneridade. Sendo assim, o presente artigo contém uma análise sobre as relações de poder do ponto de vista pós-estruturalista no âmbito virtual, analisando o fenômeno discursivo da pós-verdade sob uma perspectiva *queer* de impacto na identidade de pessoas trans.

Palavras-chave: transgeneridade - teoria *queer* – internet - pós-verdade - identidade

**Abstract:** Transgender people have their identities subjugated and marginalized for too long. In the virtual context, there's potential to see possibilities of a new space to practice these identities, but as in every society, there are also those who want to prevent these rights of existence. The post-truth is widely used on the internet as a way of sabotaging the transgender existence, including by relating them to misconceptions about the Queer Theory. In this scenario, one sees as possibility the utilization of the theory as an analysis instrument of theses discourses for and emancipatory understanding of transgender identity. Thus, the actual article has the analysis about power relations from the post-structuralist point of view on the virtual field, analysing the discursive phenomena of the post-truth in a queer perspective of impact on the identity of transgender people.

Key-words: transgender - queer theory – internet – post-truth - identity

### 1. Introdução: Teoria *Queer* como distorção dos binarismos dominantes

---

<sup>70</sup> Graduanda em Comunicação Social com habilitação em Jornalismo pela Faculdade Paulus de Comunicação - FAPCOM e estudante de Iniciação Científica pelo Núcleo de Estudos Corpo, Sexualidades e Mídias da FAPCOM

O *queer*<sup>71</sup> como teoria e prática política surge sob ideais baseados na desconstrução das bases hetero e cisnormativas<sup>72</sup> da ordem social e contra as práticas assimilacionistas<sup>73</sup> de minorias sexuais e de gênero. Para Guacira Lopes Louro o *queer* significa “a diferença que não quer ser assimilada ou tolerada, e, portanto, sua forma de ação é muito mais transgressiva e perturbadora.” (Louro, 2001, p.546) Essa transgressão de caráter anárquico do movimento *queer*, demonstra a quebra de um comportamento dócil e assujeitado que os movimentos de minorias sexuais e de gênero tinham ao fazer uma militância que buscava mais uma tolerância social do que mudanças que transgridem a norma que os assujeitam de fato. Sendo assim, o *queer* busca o entendimento das epistemes que compõem o gênero, para então, desfazê-lo em sua raiz. Essa ruptura epistemológica é resultado das próprias relações de poder que permeiam o gênero, como diz Foucault “onde há poder há resistência” (FOUCAULT, 1988, p.105). Sendo assim, a transgeneridade nada mais é do que o transbordamento do gênero cis<sup>74</sup>, é uma resposta natural a esse sistema de poder fundamentado no cissexismo.

O filósofo Jacques Derrida, em sua obra *Gramatologia* (1973), traça a teoria desconstrutivista que denuncia o binarismo presente na metafísica ocidental. Para Derrida, a linguagem opera em binarismos que tornam um grupo hegemônico em detrimento de outro. A teoria desconstrutivista propõe então, liquidar os binarismos que impulsionam a hegemonia. Binarismos estes, que podem ser compreendidos como

---

<sup>71</sup> Termo que começou a ser usado por heterossexuais no século XIX para se referir de forma pejorativa à homossexuais e pessoas que fugiam dos padrões de gênero e sexualidade, mas que foi ressignificado pelos movimentos queer e LGBT. Em português não existe tradução, mas pode ser entendido como estranho e esquisito.

<sup>72</sup> Cisnormatividade é um sistema de normas que limitam a compreensão de gênero apenas por perspectivas biológicas, para então, formar homens e mulheres.

<sup>73</sup> Uma das políticas assimilacionistas do movimento gay é, por exemplo, a luta pelo casamento entre pessoas do mesmo sexo. Ao invés de reformular como se relaciona, o movimento gay busca ser absorvido pela própria estrutura heteronormativa.

<sup>74</sup> Cis ou cisgênero são pessoas que têm o sexo alinhado ao gênero que lhe foi designado ao nascer(homens e mulheres cis).

bem/mal, cultural/natural e masculino/feminino. A ideia é desconstruir para inverter papéis e, conseqüentemente, expor o poder que o binarismo opera:

Fazer justiça a essa necessidade significa reconhecer que, em uma oposição filosófica clássica, nós não estamos lidando com uma coexistência pacífica de um *face a face*, mas com uma hierarquia violenta. Um dos dois termos comanda (axiologicamente, logicamente etc.), ocupa o lugar mais alto. Desconstruir a oposição significa, primeiramente, em um momento dado, inverter a hierarquia (Derrida, 2001, p.48)

A desconstrução derridiana revoluciona a forma de se pensar todas as extensões do pensamento filosófico e linguístico. Desconstruir é enfatizar que antes houve um pensamento modelado, uma construção e um discurso de verdade produzido. Portanto, essa teoria somada às análises de saber-poder de Michel Foucault (1988), que evidenciam que “O poder produz saber (...), não há relação de poder sem constituição correlata de um campo de saber, nem saber que não suponha e não constitua ao mesmo tempo relações de poder” (FOUCAULT, 2010, p.30).

Pode-se dizer em outras palavras, fazendo uma aplicação disso no que o gênero é e produz, que o gênero é um produto do campo de saber, que por sua vez, possui uma gama extensa de poder em suas estruturas. As análises das manifestações exercidas pelo saber-poder na sexualidade que se dão através da constante — e prazerosa — cultura da confissão da sexualidade, para então, formar os discursos de verdade sobre o sexo, também estão presentes no primeiro volume de *História da Sexualidade* (1988) de Michel Foucault. A junção do desconstrutivismo derridiano e dos estudos de saber-poder foucaultiano na sexualidade ajudaram a formar as bases para a chamada Teoria *Queer*.

Inspirado pelo pensamento pós-estruturalista francês, o *queer* está situado no contexto de contestação de demandas sociais que iam além das pautas pelas quais o movimento trabalhista lutava, ou seja, o *queer* transcende a lógica economicista do marxismo. Juntamente com o chamado feminismo de segunda onda e a luta pelos direitos civis dos negros nos Estados Unidos, o pensamento *queer* e o pós-feminismo consolidam seus ideais políticos pautados no anti-colonialismo, que oferece uma voz alternativa a autores, pensadores e minorias marginalizadas pelo pensamento hegemônico eurocêntrico. Nas palavras de Paul Preciado, “o pós-feminismo e os movimentos *queer* surgem como uma reação ao transbordamento do sujeito do feminismo por suas próprias margens abjetas” (PRECIADO, 2004, p.03). Estas margens abjetas são constituídas por bichas, viados, transgêneros, lésbicas, bissexuais, negros, latinos e prostitutas; que exclamavam por uma luta social que os contemplassem de acordo com as minorias das quais faziam parte, sem negligenciar individualidades e suas interseções no sistema de opressão.

O movimento gay e o feminismo de primeira onda eram predominantemente constituídos de mulheres e homens cisgêneros e brancos de classe média, que tinham em suas pautas um pedido pela assimilação. Ação esta, que em conjunto com os ideais liberais destes movimentos anulam e assujeitam minorias às ordens sociais dominantes. O *queer* inicia um processo que Paul Preciado (2004) chama de sexualização da raça e racionalização do gênero, esse pensamento que abrange opressões através das nuances plurais que atuam em cada indivíduo, foi teorizada pela pesquisadora afro-feminista Kimberlé Crenshaw (1993), sob o nome de interseccionalidade política<sup>75</sup>. Pode-se, inclusive, levantar uma questão relacionando se o movimento *queer* deu origem aos primeiros passos da interseccionalidade como forma de pensar opressões sociais.

Contrariando as produções de verdade discursivas hegemônicas, a Teoria *Queer* produz práticas de descolonização de saberes e representações. Há uma recusa das

---

<sup>75</sup> Interseccionalidade política é um termo da sociologia que busca uma analítica da forma como os sistemas de opressão operam no indivíduo, tendo uma percepção de que um mesmo indivíduo pode lidar com tipos diferentes de opressões em sua subjetividade.

verdades produzidas pela filosofia e pela ciência que coloca corpos, sexualidades, gêneros e comportamentos desviantes como anormais. Os tais corpos abjetos tornam-se detentores de suas próprias verdades discursivas. Segundo Donna Haraway (1988), surgem diversos saberes localizados à medida em que sujeitos subalternos assumem as rédeas das produções de saber sobre suas existências enquanto minorias submetidas ao saber patriarcal. Pode-se dizer que o *queer* além de uma ação prática, política e intelectual anti-binarista de descolonização científica-identitária das subjetividades ditas subalternas, também é uma consequência e resposta explosiva às técnicas assimilacionistas e reducionistas de identidades, tão praticadas pelos movimentos sociais de libertação de minorias.

## **2. A ciência como produtora da verdade**

Para construir a verdade sobre a transgeneridade como uma dissidência de gênero abjeta, foi necessária a produção da vontade de confessar, constante e compulsivamente, o sexo e a sexualidade. Essa confissão puramente discursiva se dá através das mais variadas instituições de controle do Estado (igrejas, escolas, família e hospitais). Nas palavras de Foucault seria o “saber do prazer, prazer de saber o prazer, prazer-saber.” (FOUCAULT, 1988, p.87) Como conhecimento é poder, não há nada mais poderoso do que instaurar uma cultura que se fala incessantemente sobre sexo e tecnologias de prazer para usar isto como instrumento de poder e controle sobre as práticas e subjetividades da sexualidade. O gênero em si nunca passou pela dinâmica do confessional, ele sempre foi limitado por presunções biológicas, que por sua vez, passam pela lógica da produção de verdade se dizendo detentora dos conhecimentos sobre o natural e artificial, saudável e doente. Sua legitimidade é dada através de constructos da ciência.

Contrariando o caráter de objeto estritamente silenciado e censurado que a sexualidade tinha até então, Foucault faz uma análise da sexualidade a colocando como dispositivo técnico criado no ocidente e construído minuciosamente para ser centralizado

na existência humana, se tornando objeto de exame, análise e vigilância. Primeiro por parte do cristianismo e posteriormente pela burguesia.

Segundo Michel Foucault, o início da vigilância sexual se dá com a criação de aparelhos para produzirem discursos de verdade sobre o sexo e conseqüentemente a sexualidade. Os aparelhos de vigilância além de serem institucionalizados também se encontram na esfera privada (a família) e são operados através de um poder microfísico<sup>76</sup>. Primeiro assimilando o sexo como prática, para depois formar a verdade sobre como este deve ser praticado, tornando assim legítimas e ilegítimas<sup>77</sup> as extensões do prazer sexual e, conseqüentemente, da sexualidade. O propósito aqui é de dominação e repressão do sexo, mas para dominá-lo seria necessário criar um sistema que reduzisse o sexo ao nível da linguagem para assim, controlar seu discurso. A verdade discursiva do sexo se inicia justamente nas classes sociais dominantes, mais precisamente na burguesia, como forma de castrar-se a si mesma e não o contrário. Era preciso dominar o sexo, remodelar sua verdade para que a burguesia pudesse seguir e reproduzir essas verdades, só então a pureza e superioridade dessa classe poderia servir de espelho e se constituir como norma para as classes com menor poder político.

Foi necessária, enfim, a instauração de toda uma tecnologia de controle que permitia manter sob vigilância esse corpo e essa sexualidade que finalmente reconhecia neles, a escola, a política habitacional, a higiene pública, as instituições de assistência e previdência, a medicalização geral das populações, em suma, todo um aparelho administrativo e técnico permitiu, sem perigo, importar o dispositivo de

---

<sup>76</sup> Ver o tópico 3. O poder microfísico e a pós-verdade nas mídias sociais

<sup>77</sup> Note como os sistemas de poder operam sempre em binarismos. Primeiro formando hierarquias discursivas e por conseqüência hierarquias sociais.

sexualidade para a classe explorada.” (FOUCAULT, 1988, p. 138)

O mesmo tipo de criação de verdade ocorre com o gênero. Uma vez que a produção de discursos de verdade partia da Igreja, com a era industrial a produção de verdade sobre o sexo partirá da ciência, assim como ocorre com o gênero. As mudanças sociais que vieram com o Iluminismo e Revolução Industrial consolidam a ciência como detentora da razão e dos saberes, sendo assim, as verdades discursivas desta instituição se tornam verdades de fato e conseqüentemente normas para toda uma sociedade. Essa nova instituição de produção de verdades é chamada de *scientia sexualis*. Foucault a define como a “ciência essencialmente subordinada aos imperativos da moral” (FOUCAULT, 1988, p.60)

Essa ciência dará continuidade a cultura da confissão para além dos discursos obtidos, ela desmantela esses mesmos discursos e os arranca do corpo do indivíduo. Nesse exame minucioso para produzir discurso de verdade sobre o sexo temos aqui o aval científico e, portanto, legitimado socialmente para patologizar, marginalizar, vigiar, punir, tornar dóceis e submissos os corpos e subjetividades que ousam divergir do discurso de verdade.

Tal empreitada se pauta num modelo de assujeitamento de corpos e de seus sexos através de uma disciplina que tem como premissa manter a utilidade desses corpos. A normalização compulsiva da associação binária de que para cada genital existe um gênero que é parte indissociável desse sexo material, estipulando assim, papéis de masculinidade e feminilidade, é chamada de cissexismo, este é legitimado pela *scientia sexualis*. Essa ciência estipula como utilidade aos corpos e identidades divergentes a esse sistema a função única e exclusiva de servir como modelo de patologia mental e tirando sistematicamente a humanização dessas pessoas divergentes da cisgeneridade, ao ponto de legitimar pessoas trans como alvos de ódio e uma classe a ser exterminada. Há também o paradoxo de sexualizar pessoas trans ao ponto de

colocar como única função social para elas o sexo<sup>78</sup>. Essas são as principais utilidades da disciplina cisgênera sobre os corpos.

A tecnologia cisgênera, ou disciplina cisgênera, é uma estrutura de gênero que se mantém através da constante afirmação e manutenção de suas estruturas que têm como base o corpo humano. É postulada uma lógica binária delimitando dois tipos de órgãos sexuais distintos que abrigam cada um em sua materialidade um gênero que é indissociável desse sexo. A partir desse pressuposto, uma hierarquia entre esses dois gêneros – masculino e feminino – é formada, e conseqüentemente, uma série de papéis e comportamentos sociais performativos para justificar essa hierarquia. Corpos intersexo<sup>79</sup> que divergem desse modelo passam por um processo de higienização cirúrgica para adequá-los à lógica cisgênera. Pessoas transgênero afirmam sua existência para além dessa lógica genitalizante, e por vezes, além do binário de gênero, são submetidas a um duro processo de exclusão social.

O assujeitamento de pessoas trans está pautado na verdade discursiva de que gênero equivale a genitais que são definidos binariamente através de uma ciência colonizadora cisnormativa. Esta definição é uma prática repressiva que oprime individualidades do sujeito quando reduz uma pluralidade em binarismos linguísticos e ontológicos, ignorando até mesmo o fato biológico da intersexualidade.

A Teoria *Queer* desconstrói os binarismos de gênero e sexualidade através das técnicas de identidade. Uma vez que os binarismos também foram moldados sob técnicas, e estas como práticas essencialmente repressivas são também essencialmente

---

<sup>78</sup> A transgeneridade é patologizada sob o nome de transsexualismo. O termo é cunhado pela OMS no CID-10, capítulo V, Transtornos Mentais e Comportamentais, que vai da classificação de F00 a F99, incluindo distúrbios psicológicos como Transtornos de Identidade de Gênero (TIG) e Esquizofrenia.

Segundo a ONG Transgender Europe, o Brasil é o país que mais mata travestis e transsexuais no mundo, e curiosamente um dos que mais pesquisa a categoria transsexual em sites pornô. Esses fatos mostram como há uma função muito bem demarcada para as pessoas trans, da patologia de suas identidades, passando pelo fetichismo violento e por assassinatos brutais.

<sup>79</sup> Segundo a Intersex Society of North America “Intersexo é o termo usado para designar uma variedade de condições em que uma pessoa nasce com uma anatomia reprodutiva ou sexual que não se encaixa na definição típica de sexo feminino ou masculino”. Veja o artigo PINO, Nádia Perez. *A teoria queer e os intersex: experiências invisíveis de corpos des-feitos*. 2007. Disponível em <<http://www.scielo.br/pdf/cpa/n28/08.pdf>> Acesso em: 22 mar. 2018



passíveis de serem desmanteladas e reapropriadas; o *queer* é um abolicionista das técnicas cisnormativas produzidas pela *scientia sexualis*.

### 3. O poder microfísico e a pós-verdade nas mídias sociais

Partindo do fato de que gênero se constitui como um conjunto de mecanismos alheios à condição corpórea e indissociáveis à psique, a transgeneridade marca sua existência em uma sociedade repleta do que o filósofo Michel Foucault chama de dispositivos de poder, esses dispositivos nada mais são do que a antítese da ideia dos movimentos trabalhistas regidos pelo pensamento marxista de poder centralizado e opressor. Foucault compreende que essa ideia vinda do início da era industrial não cabe mais no modelo societário contemporâneo, que por sua vez, é constituído de um poder descentralizado e microfísico. O poder microfísico não é composto pela ação opressora originária de um único ponto de controle, mas se constrói a partir de toda e qualquer relação entre os seres humanos, é um poder visível e invisível que percorre todas as instâncias sociais, políticas, econômicas e culturais. Ou seja, não existe “o” poder, mas “relações” de poder.

O poder descentralizado e microfísico é característica intrínseca da contemporaneidade, período histórico que oferece uma grande variedade de tutores da opinião e do conhecimento, uma suposta democracia que contribui para a impossibilidade de reconhecer um único ponto de poder soberano sobre a sociedade, alto fluxo de informações e uma verdadeira rede de pessoas que produzem e consomem conteúdo de acordo com nichos e demandas pessoais. Essas são características da principal ferramenta da comunicação dessa era: a internet e as mídias sociais.

Esta variedade de tutores ou formadores de opinião, aliados às características do modelo econômico essencialmente desigual, corrupto e lucrativo; ajudam a constituir uma cultura da desconfiança generalizada<sup>80</sup>. Ao mesmo tempo em que a instabilidade de confiança se instaura na sociedade há também uma necessidade de busca em quem

---

<sup>80</sup> Ver BAUMAN, Zygmunt. *Ética pós-moderna*. São Paulo: Paulus, 1997. Cap.1

confiar, a busca por um líder. A essência das mídias sociais é seguir pessoas, em outras palavras é uma cultura que reforça o não pensar “*com*”, mas o pensar “*como*”.

Os influenciadores digitais estão espalhados pelas mídias sociais e acumulam estes tais seguidores que os tem como referencial de opinião e comportamento. As relações de poder entre influenciadores e influenciados nas mídias sociais formam um exemplo sólido de como se constitui parte da microfísica do poder na atualidade.

O poder em rede age como um efeito dominó, partindo dos que possuem maior número de seguidores e passando gradativamente para os que têm menor número, criando assim, uma cadeia de relações de poder. A existência dos nichos de interesse, que é o *modus operandi* das redes sociais, fortalecendo as relações microfísicas de poder, que possuem os influenciadores principais para cada segmento de interesse na internet.

Nesta grande estrutura em rede de informações e relações de poder, o saber é fator intrínseco ao poder exercido no campo microfísico da internet. Segundo Foucault “Não há relação de poder sem a constituição correlata de um campo de saber, nem saber que não suponha e não constitua ao mesmo tempo relações de poder.” (FOUCAULT, 2014, p.31).

Os influenciadores digitais possuem um discurso de verdade e constroem um poder sobre esse domínio do saber, mesmo que isso aconteça de forma momentânea. Este saber-poder é potencializado pelos algoritmos das redes sociais que reforçam a criação de bolhas para que apareçam *posts* que se alinhem às opiniões que os usuários possuem, ou seja, os usuários tutelados se tornam reféns do poder construído pela verdade discursiva de seus próprios interesses, e por sua vez, se distanciam da possibilidade de deslocar-se para outros campos de saber. Quando confrontados com verdades discordantes, a tendência é uma expressão hostil ao divergente e a reafirmação da sua própria verdade discursiva. Estas extensões microfísicas de poder acabam por formar um fenômeno social concreto denominado como pós-verdade.

A pós-verdade é um fenômeno onde boatos e circunstâncias infundadas se mostram mais importantes do que os fatos e a verdade<sup>81</sup>. Esse fenômeno social age nas mídias sociais como resultado de um culto à mentira, mentira esta, que está alinhada às verdades discursivas do sujeito e do nicho ao qual ele pertence e por consequência é incorporado como verdade pois apela para as concepções de verdade e crenças do sujeito. Quando os discursos pós-verdadeiros se encontram com a Teoria *Queer*, a questão trans e os movimentos sociais da internet temos como resultado uma avalanche de falas transfóbicas e sensacionalistas que reforçam ainda mais o estigma social, e consequentemente todos os tipos de violência contra pessoas transgêneras e transexuais. Como exemplo disso, páginas liberalistas e de extrema direita dividem espaço com página de feminismo radical e outras vertentes de esquerda dita progressista. Essas páginas apesar de posicionamentos políticos diferentes concordam quando o assunto é a questão trans. O uso de pseudônimos pejorativos e/ou transfóbicos como transativismo, travecos, machos de saia ou ideologia de gênero, são utilizados para formar postagens envolvendo assuntos como pedofilia, a retirada do feminismo das mãos das mulheres “de verdade” (lê-se cis), e inclusive, o clássico moralismo que questiona o que será das crianças quando elas tiverem contato com esse tipo de ideologia de gênero<sup>82</sup>.

Constantemente entre páginas de feminismo radical, é proposta a ideia de uma suposta retomada a um “feminismo de verdade”, e atacar as supostas raízes do gênero para pôr fim ao sistema de dominação patriarcal. Quanto ao primeiro discurso, é extremamente binarista e colonizador voltar a um feminismo cisgênero, branco e primeiro mundista que não considerava mulheres em sua pluralidade. Teresa de Lauretis em *A*

---

<sup>81</sup> Segundo o Dicionário Oxford a pós-verdade é “um adjetivo definido como ‘relacionado ou denotando circunstâncias em que os fatos objetivos são menos influentes para formar a opinião pública do que apelativos emocionais e crenças pessoais’”. Disponível em <<https://en.oxforddictionaries.com/word-of-the-year/word-of-the-year-2016>> Acesso em: 18 mar. 2018

<sup>82</sup> Constantemente o termo ideologia é atribuído para fomentar argumentos desse tipo. Se analisarmos o termo segundo o que Slavoj Žižek (2014) define como ideologia: uma gama discursiva para corroborar o capitalismo no campo das subjetividades. É no mínimo irônico que as mesmas pessoas que produzem a ideologia de fato, usem desse termo para acusar justamente as pessoas que lutam contra a ideologia. Leia ŽIŽEK, Slavoj. *Violência: seis reflexões laterais*. Tradução de Miguel Serras Pereira. São Paulo: Boitempo, 2014.

*Tecnologia do Gênero* (1987) denuncia que o feminismo que considera as diferenças sexuais (feminino e masculino) como mulher em oposição ao homem, ou seja, uma dependência ontológica, social e discursiva da mulher em relação ao homem, perpetua assim, um arquétipo feminino tão bem definido que apaga outros tipos e possibilidade de existência feminina. A autora afirma que esse tipo de limitação se dá através do termo diferença sexual.

A primeira limitação do conceito de “diferença sexual”, portanto, é que ele confina o pensamento crítico feminista ao arcabouço conceitual de uma oposição universal do sexo (a mulher como a diferença pura e simples e, portanto, igualmente universalizada), o que torna muito difícil, se não, impossível, articular as diferenças entre as mulheres, ou, talvez mais exatamente, as diferenças nas mulheres. [...] A partir dessa perspectiva, não haveria absolutamente qualquer diferença e todas as mulheres seriam ou diferentes personificações de alguma essência arquetípica da mulher, ou personificações mais ou menos sofisticadas de uma feminilidade metafísico-discursiva. (LAURETIS. 1987. p.207)

Enquanto sobre a segunda premissa de que a transgeneridade afasta o feminismo das possibilidades de abolir o gênero, que é a raiz de toda a opressão pela qual o feminismo luta contra, pode-se afirmar a incoerência existente em uma ideologia que discursa o fim do gênero, mas ao mesmo tempo abomina a superação do gênero. A transgeneridade é a superação da cisgeneridade e de todo aparato ideológico que ronda esse sistema de gênero. O espectro de subjetividades que a transgeneridade contém, desconstrói tantas vezes o gênero, que este, por fim, tende a tornar-se um conceito obsoleto. Em síntese, os discursos feministas radicais não pregam a extinção do gênero, mas sua perpetuação através de binarismos pré-existentes (macho-fêmea).

Há também uma constante crítica no âmbito virtual afirmando a Teoria *Queer* como produtora/criadora de gêneros, que pretende criar uma infinidade deles, instaurando um caos, que pode ser danoso ao feminismo, ou a família e a moral social como um todo. É importante dissociar a Teoria *Queer* da transgeneridade, uma vez que pessoas trans existem anteriormente a essa teoria e ao movimento *queer*. Os estudos *queer* só existem para analisar sexualidades e identidades já existentes, e se mantêm assim até os dias atuais. É importante também, ressaltar a autonomia de pessoas trans em relação a sua própria existência, que independe de qualquer movimento social ou aparato teórico. Seus gêneros não são forjados, são legítimos tanto quanto os binários homem e mulher cis. Como afirma a pesquisadora Helena Vieira em seu artigo *Teoria Queer, o que é isso?* (2015) “A teoria não constrói nossa identidade, mas nos ajuda a enunciá-la e as vezes, a afirmá-la politicamente.” Dessa forma, não se deve excluir a academia das vivências trans binárias e não-binárias, mas uni-las, como forma de legitimação desses gêneros abjetos dentro e fora da academia.

O fato é que quando os discursos citados e muitos outros, são construídos na pós-verdade com um objetivo claro de deteriorar a identidade trans e impedir que pessoas tenham um contato não sensacionalista com esse assunto tão pouco discutido. Esses discursos repercutem muito mais do que a própria verdade e as análises sérias e bem fundamentadas sobre transgeneridade. O efeito dessa cadeia discursiva pós-verdadeira é a potencialização dos efeitos negativos que a transfobia tem em pessoas trans. Dentre esses impactos está o desenvolvimento de transtornos psicológicos sérios e tendências suicidas. É estimado que em algum momento durante a vida, pelo menos metade da população trans tentará suicídio<sup>83</sup>. Os discursos disponíveis na web que invisibilizam, fazem chacota e potencializam os estigmas patologizantes sobre as identidades trans também são responsáveis pelas taxas assustadoras de suicídio e assassinato de pessoas trans no Brasil<sup>84</sup>.

---

<sup>83</sup> Conselho Federal de Psicologia. Psicologia e diversidade sexual: desafios para uma sociedade de direitos/Conselho.Federal de Psicologia. - Brasília: CFP, 2011. p 24.

<sup>84</sup> Segundo o Mapa dos Assassinatos de Travestis e Transsexuais no Brasil de 2017 publicado pela Associação Nacional de Travestis e Transsexuais (ANTRA), a cada 48 horas uma pessoa trans é assassinada no Brasil.

Há aqueles que digam que os assassinatos sistemáticos da população trans pelo mundo não tenham ligação alguma com discursos feitos no campo virtual. Esse tipo de lógica simplista sequer analisa o poder do discurso e da propagação de ideologia (no modo zizekiano do termo). É justamente através dos discursos e da legitimação deles – pelas mais diversas instituições do Estado – que a violência direcionada a pessoas trans se torna algo aceitável e normalizada. O discurso é uma força poderosa e microfísica, e assim como a internet, tem poder de ação dentro e fora do meio virtual, ou de qualquer outra mídia pela qual ele passe.

#### 4. A cultura do confessionário virtual transgênero

Em *História da Sexualidade I: A Vontade de Saber* (1976), Michel Foucault apresenta uma análise da transformação histórica do sexo em discurso, objeto de análise e dispositivo repressivo. No contexto virtual contemporâneo, nota-se a criação ou a reinvenção de dispositivos de vigilância; Gilles Deleuze (1990) irá reconfigurar o pensamento foucaultiano e criar o conceito de sociedade do controle. A sociedade do controle baseia-se na entrega discursiva voluntária dos sujeitos aos sistemas de poder, não existindo mais um discurso explicitamente violento de vigilância, mas propagando o discurso de liberdade de *expressão*. Esta liberdade de expressão a qual me refiro se trata de um impulso cultural baseado no falar de si, suas opiniões, gostos, perspectivas, hábitos entre outras características. O sujeito participa de um jogo de exposição voluntária onde coloca a si mesmo como peça de estudo e mercadoria.

Os algoritmos da internet funcionam baseados no falar sobre si mesmo, ou em termos foucaultianos, confessar-se a si mesmo. Quando as militâncias dos movimentos sociais encontram na internet um meio de propagar suas pautas, encontram também o controle discursivo. Na rede, as pautas de luta política se tornam discursos expostos em um grande confessionário. A militância se torna replicante dos erros cometidos pelos

---

ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE TRAVESTIS E TRANSSEXUAIS. Mapa dos Assassinatos de Travestis e Transsexuais no Brasil em 2017 – Brasília DF, 2018. p. 75 Disponível em <https://antrabrasil.files.wordpress.com/2018/02/relate3b3rio-mapa-dos-assassinatos-2017-antra.pdf> > Acesso em: 22 mar. 2018

movimentos sociais colonialistas pois suas práticas são reduzidas a meras políticas assimilacionistas. Estas políticas de assimilação de minorias no âmbito virtual formam uma militância controlada, vigiada e fadada ao fracasso do ciclo repetitivo e ineficaz de pequenas migalhas obtidas pela ilusão das políticas públicas dadas pelo Estado. É sem dúvida um paradoxo complexo e de difícil resolução, a assimilação dessas identidades pela estrutura ou a continuidade marginalização total. Mas sabe-se, baseado no histórico de outras minorias que foram assimiladas pela estrutura, como por exemplo, os negros; que assimilação não significa fim da marginalização, apenas uma reconfiguração muito superficial em um sistema que continua operando com suas configurações originais de assujeitamento.

Pessoas trans também são participantes do que chamarei de cultura do confessionário virtual transgênero. Seus gêneros mais uma vez se tornam discursos palpáveis e controláveis. O controle, vigilância e castração dessa confissão de gêneros e das nuances que envolvem ser transgênero, no contexto virtual, fica por conta da gama de influenciados e influenciadores na internet. Esses agentes de produção de influência multimodal se apoderam de discursos trans para produzirem sua verdade discursiva sobre gênero, deturpando conceitos e produzindo suas próprias pós-verdades. Se antes era a burguesia que produzia os discursos de verdade sobre gênero, agora na internet, esta função está nas mãos dos influenciadores digitais.

O controle do discurso sobre gênero e a ação da pós-verdade constituem a reafirmação de pessoas trans como seres subalternos, inferiores e abjetos, incapazes de falarem por si mesmos, e mesmo quando esses seres ditos subalternos procuram recusar o local de meros marginalizados pelos saberes hegemônicos, suas vozes são silenciadas pois seus discursos não possuem o sensacionalismo das verdades dominantes do campo virtual. Sensacionalismo este, propagado pelo uso de argumentação através do eco e da adjetivação do nome. Quando um conceito é reduzido a um adjetivo seu real significado é enfraquecido e banalizado. Dentro da lógica do enfraquecimento da Palavra, a violência oculta em alguns discursos é fomentada pela

reprodução de discursos em eco, ou seja, a Palavra dominante é reverberada ao invés de ser questionada<sup>85</sup>.

O discurso transfóbico ecoado na internet com tanta facilidade e falta de criticidade, sob uma perspectiva *queer*, opera em binarismos que reduzem corpos e identidades à marginalidade e impotencialidade da abjeção. Esta ação tem efeito justificador sobre a transfobia, que opera de forma igualmente violenta, tanto física quanto psicológica, dentro e fora dos meios virtuais.

### **5. Considerações finais**

A Teoria Queer, pouco conhecida no âmbito popular, quando associada às questões trans, que são vistas de forma muito estigmatizada, formam elementos de fácil deturpação ideológica para servir aos próprios interesses de quem a propaga. As mídias sociais se tornam instrumentos de fácil propagação desses interesses, resultando no aumento de ataque virtual, e em alguns casos físicos, a pessoas trans. Esses ataques possuem efeitos devastadores sobre as identidades trans, que entram em uma espiral de violências causadas pela ideologia. Dentro desse cenário pouco favorável, o *queer* se mostra como uma maneira revolucionária de se pensar estruturas de poder de gênero e sexualidade.

Ultrapassando a relutância que existe quando se fala de estudos *queer*, essa vertente de estudo científico é identificada como uma poderosa arma de ação para remodelação das formulações binaristas e colonialistas presentes na academia e fora dela. O poder político *queer* tem total potencial de ultrapassar os muros sagrados da academia, inclusive, mostrando novas formas de se construir saberes. Toda estrutura dos movimentos sociais pode tomar um novo rumo e partir para ações de desconstrução de discursos pré-estabelecidos de forma efetiva. Uma política de ação *queer* reformularia

---

<sup>85</sup> A reprodução desses discursos transfóbicos e falsos sobre pessoas trans pode ser relacionado ao conceito de mal banal, criado pela filósofa alemã Hannah Arendt. Para saber mais ler ARENDT, Hannah. *Eichmann em Jerusalém: um relato sobre a banalidade do mal*. São Paulo: Ed. Companhia das Letras, 1999.



completamente a forma como se é feito o ativismo militante atualmente, e possui todas as potencialidades para emancipar identidades trans, gays, lésbicas, bissexuais, travestis, não binárias e intersexo dos discursos de assujeitamento. Pois não é necessário simplificar a identidade para se fazer inteligível à norma, é necessário que a norma se desdobre para entender a subjetividade.

### Referências Bibliográficas

ARENDDT, Hannah. *Eichmann em Jerusalém: um relato sobre a banalidade do mal*. São Paulo: Ed. Companhia das Letras, 1999.

CRENSHAW, Kimberle. *Demarginalizing the Intersection of Race and Sex: A Black Feminist Critique of Antidiscrimination Doctrine, Feminist Theory and Antiracist Politics*. University of Chicago Legal Forum: Vol. 1989: Iss. 1, Artigo 8. Disponível em <<http://chicagounbound.uchicago.edu/uclf/vol1989/iss1/8>> Acesso em 22 mar. 2018

DELEUZE, G. *Pourparlers*. Paris: Les Éditions de Minuit, 1990

DERRIDA, J. *Gramatologia*. Rio de Janeiro: Perspectiva, 2005.

FOUCAULT, Michel. *História da sexualidade: A vontade de saber*. V.I. Rio de Janeiro: Graal, 1988.

\_\_\_\_\_. *Vigiar e Punir: o nascimento da prisão*. Rio de Janeiro: Vozes, 42 ed, 2014

\_\_\_\_\_. *Genealogia da ética, subjetividade e sexualidade*. Organização e seleção de textos: Manoel Barros da Motta. Tradução: Abner Chiquieri. Coleção Ditos Escritos. v. IX. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2013.

\_\_\_\_\_. *Microfísica do poder*. 25a ed. Rio de Janeiro: Graal, 2012.

\_\_\_\_\_. *A Ordem do Discurso: Aula inaugural do Collège de France, pronunciada em 2 de dezembro de 1970*. 19ed. São Paulo: Loyola, 2009

HARAWAY, Donna. *Saberes Localizados*. 1988. Disponível em <[www.bibliotecadigital.unicamp.br/document/?down=51046](http://www.bibliotecadigital.unicamp.br/document/?down=51046)>. Acesso em: 22 mar. 2018

MIKOLSCI, R. *Teoria queer, um aprendizado pelas diferenças*. Belo Horizonte: Autêntica, 2012.

PRECIADO, B. *Manifesto Contrassexual*. São Paulo: n-1edições, 2014.

VIEIRA, Helena. *Teoria Queer, o que é isso? Tensões entre vivências e universidade*. Revista Fórum. 2015. Disponível em

<<https://www.revistaforum.com.br/osentendidos/2015/06/07/teoria-queer-o-que-e-isso-tensoes-entre-vivencias-e-universidade/>> Acesso em: 20 mar. 2018

PRECIADO, B. *Manifesto Contrassexual*. São Paulo: n-1edições, 2014.